



- brasil
- política
- economia
- cidades
- charge
- esportes
- caderno c
- meio ambiente
- internacional
- informática
- artigos/colunas
- semanais
- classificados
- índice geral



PATRIMONIO

A decadência da Casa-Grande e senzala

por CLEIDE ALVES

A monótona paisagem da cana, predominante nas zonas da mata norte e sul de Pernambuco, esconde um verdadeiro tesouro da arquitetura colonial: casa-grande, capela, senzala e fábrica de antigos engenhos que remontam ao ciclo do açúcar. Apesar da importância histórica, a maioria desses imóveis encontra-se em estado de abandono, sem uso regular e sob ameaça constante de desaparecer pela falta de manutenção. Projetadas e construídas para serem conservadas pela mão-de-obra escrava, que perdurou até o século 19, as casa-grandes, hoje, são o retrato da decadência e as fábricas que moíam a cana não passam de engenhos de fogo-morto.

Longe do glamour que marcou a época, restaria aos imóveis antigos da zona canavieira a nobre função de preservar a memória de um ciclo que parece estar chegando ao fim. "O parque açucareiro está acabado em Pernambuco", anuncia o herdeiro do Barão de Gurjau, Luiz Paulo de Souza Leão, que a duras penas consegue manter de pé a casa-grande do Engenho Novo da Conceição, em Moreno. Há seis anos ele tenta restaurar o casarão, ainda utilizado pela família que planta cana-de-açúcar para fornecer aos usineiros. "Estamos sem moer", diz.

Luiz Paulo Souza Leão cita três fatores que contribuíram para a perda desse patrimônio colonial. O primeiro envolve os usineiros, que adquiriram muitas casas dos engenhos, mas mantiveram quase todas sem uso, levando-as à deterioração. O segundo é a falta de um tombamento geral dos imóveis por parte dos governos Federal e Estadual, obrigando o proprietário a manter as características originais das casas, aliado a uma lei de incentivo que ajude a preservação dos prédios. E, por fim, o empobrecimento e a falta de sensibilidade dos senhores de engenho que continuaram como proprietários desses imóveis, com a preservação da memória rural.

NOBREZA - "Eu me sinto o guardião de um patrimônio que deve ser preservado para as gerações futuras", resume Luiz Paulo Souza Leão. Atualmente, ele está consertando o telhado e o madeiramento do casarão, com assessoria do arquiteto Jorge Passos. A casa-grande do Engenho Novo da Conceição foi construída em 1853 para ser a residência do comendador Manoel de Souza Leão. Nessa época, o engenho funcionava com tração animal. O comendador passou a casa para seu filho, José de Souza Leão (Barão de Gurjau), que instalou o engenho a vapor no final do

século passado.

O barão deixou o engenho para seu sobrinho, afilhado e filho adotivo Euclides José de Souza Leão, coronel da guarda-nacional e primeiro prefeito do Moreno. Das mãos de Euclides de Souza Leão a propriedade passou para os atuais donos, herdeiros da mesma família. Luiz Paulo explica que, no momento, eles não têm interesse em abrir a casa, que fica a cerca de 40 quilômetros do Recife, para visitação pública. "Além de o imóvel ser usado pela família em função da nossa atividade rural, precisar mos montar um esquema de seguranç a para as visitações", explica.

A casa-grande do Engenho Novo da Conceição não tem nenhum tipo de tombamento. O prédio, todo circulado por uma varanda, é composto de salões, oito quartos, um banheiro (feito no início deste século) e cozinha. Os descendentes conservam a mobília antiga em jacarandá. O engenho nunca teve capela, mas tem um altar interno e os proprietários tinham autorização da Igreja para fazer as celebrações. A senzala não existe, mas o prédio da antiga fábrica, onde a cana era moída no apogeu do ciclo do açúcar, ainda resiste.

JÓIA RARA - Do outro lado da cidade, na Zona da Mata Norte, encontra-se uma jóia rara da arquitetura colonial: o Engenho Poço Comprido, em Vicência,  nico exemplar do século 18 em Pernambuco. Tombado pelo Instituto do Patrim nio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o engenho é formado por casarão, capela e fábrica, que está sem a maquinaria. A senzala não mais existe, mas ainda pode ser visto o tronco que servia para o a oite dos escravos na frente da casa-grande. Localizado em terras da Usina Laranjeiras, o engenho fez parte do cenário da minissérie Zumbi dos Palmares, exibida pela TV Cultura.

"Quando cheguei aqui, há 28 anos, a casa estava em melhores condições, porque tinha gente morando, mas hoje são tem morcego. Quando as visitas entram e se deparam com os bichos, correm todos para fora da casa e nunca mais voltam", diz o trabalhador Severino In cio da Silva, 44. Ele foi figurante na minissérie da TV Cultura, filmada há cerca de dois anos, puxando o carro de boi. "Foram três dias de festa, às vezes fico sonhando que vão filmar de novo", diz. Ele recorda que na época em que a minissérie foi exibida apenas uma casa da região tinha antena parabólica. "Todo mundo foi para l ".

A casa, desprovida de mobília, e a capela, sem as imagens dos santos, estão completamente abandonados. Segundo o trabalhador, que cuida dos animais da Usina Laranjeiras, todos os visitantes que passam por l , de carro, ficam admirados com a beleza do engenho. Na capela igualmente infestada de morcegos, ao lado da casa-grande, estão os restos mortais dos antigos proprietários, todos membros da família Carreira Gay o. Um dos ossu rios está aberto, deixando à mostra os ossos do capitão Francisco Ant nio Gay o, morto em 1860.

Para o arquiteto e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Geraldo Gomes, que pesquisou 150 engenhos pernambucanos (além de outros no Brasil e no exterior) ao longo de seis anos, para fazer sua tese de doutorado, o Engenho Poço Comprido é o mais significativo do estado. "Na minha opinião, o Governo do Estado poderia comprar o engenho e mantê-lo como está", sugere. Ele explica que a marca desta construção é a escada externa dando acesso a uma pequena varanda ao longo da fachada principal.



[UNIVERSO ONLINE](#) [MENU](#) [CORREIO](#) [BATE-PAPO](#) [FÓRUM](#) [SERVIÇO AO ASSINANTE](#) [MEU UNIVERSO](#) [RADAR UOL](#)